



## PRESENÇA NEGRA NO SUL DO BRASIL: AS SUTURAS NA MATERIALIZAÇÃO DA MEMÓRIA

Gesualda dos Santos Rasia<sup>1</sup>

Nosso olhar, neste estudo, volta-se sobre o fato discursivo da presença negra no Sul do Brasil, *locus* em que hoje, hegemonicamente, sobressai a discursividade sobre a constituição por imigrantes europeus e seus descendentes. As condições de produção históricas que derivaram essa configuração coincidem, em muitos aspectos, com aquelas que sustentam, hoje, discursos acerca da negação da escravidão, assim como da ausência dos sujeitos negros na constituição econômico-cultural do Sul brasileiro. Fazendo frente a essa memória que silencia e subverte, situamos nosso olhar acerca dessa presença a partir de um confronto com memória estabelecida. Para tanto, consideramos a emergência, no arquivo, da tessitura de narrativas que foi historicamente surrupiada, atentando especialmente para os processos de reconstituição dos fios do dizer, dada a precariedade da voz do sujeito ex-escravizado nos documentos disponíveis. Nossa entrada no arquivo, a qual constitui nossos gestos de interpretação, considera um relato oral de um sujeito ex-escravizado e um verbete de enciclopédia, na qual narrativas negras têm espaço de privilégio.

A ruptura do silenciamento é possível, em sua maior parte, porque houve e há movimentos de resistência negra, os quais dialeticamente são co-partícipes do estabelecimento de espaços de legitimação. Podemos citar, entre tantos acontecimentos históricos que compõem esse cenário a Lei de Cotas, aprovada em 2012; a inclusão e obrigatoriedade, no currículo oficial de ensino, da temática “História e Cultura AfroBrasileira e Africana”, a partir do sancionamento da Lei 10639/03, em 2003, em alteração à LDB vigente e o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, e instituído oficialmente pela Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011.

Acontecimentos dessa ordem reconfiguram a teia enunciativa negra nas redes de memória, haja vista que esta é, desde Pêcheux (1999), o aspecto fragmentário dessa existência, pois a memória é, “necessariamente, um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização [...]. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos [...] (PÊCHEUX, 1999, p. 56)”. Para pensar a relação entre o passado feito de silenciamentos e o presente ante o esforço de rupturas, situamos o debate teórico-analítico em torno da noção de **memória suturada**, como desdobramento da leitura de Robin (2016, p. 22), obra em que autora postula a *saturação* como “Esse excesso de memória que nos invade hoje (e que) poderia ser apenas uma figura do esquecimento, pois a nova era do passado é a da saturação”. Entre o excesso, proposto por Robin como anverso do esquecimento, e o a-mais, possibilidade igualmente do esvanecimento, propomos a *sutura* enquanto vestígios linguageiros de uma tentativa de fazer cicatrizar a ordem da exclusão, do não pertencimento, no

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras-Teorias do texto e do Discurso, atua na UFPR.

caso, das populações afro-brasileiras (RASIA, 2020). Marcas na linguagem, fios do discurso que emergem como ponto de encontro entre a ordem do impossível, constitutivo do dano e a do possível, instaurado pela falha na ideologia.

## A VOZ-REMANESCENTE DA ESCRAVIZAÇÃO

**Entrevistador:** Como era sua vida na fazenda, no tempo da escravidão?

**Mariano:** Era trabaiano! De cedo à noite. Era no enxadão, de cedo à noite. Só largava de noite. Comendo em cuia de purungo; em cochinho de madeira. Racionado, ainda! Não era comida, assim como agora. Era os poquinho, os poquinho. E o feitor ali. Nós não tinha tempo nem de descansar as cadera, nem dez minuto que (como) agora. E o feitor, ali, com o bacaiou – que agora dizem chicote – mas naquele tempo eles diziam bacaiou.

**E:** Como era capturado o escravo que fugia?

**M:** Ele fugia. Escondia. Os feitores saíam a campear. Pois é a mesma coisa que o senhor vai no mato fazer uma caçada. O senhor fecha (lança) os cachorros no rastro de uma caça. E o senhor fica esperando, cuidando. O cachorro tria (fareja) aqui, tria ali; tria aqui, ali. E até que acha a caça e traz pro senhor [...].

**E:** O senhor alguma vez ouviu falar de algum quilombo?

**M:** O quilombo no estado do Paraná. Vi falá [...] Eu vi falá que... Um dos chefes... não conheci. Porque a gente, nós saímo pra qui, pra ali, depois da Libertação. Porque naquele tempo não era tempo de batizado, nem de registro, nem de era, nem de data que nasceu. Era mesmo uma boiada no campo. Então, não tinha nem era. Então a gente não tinha liberdade de sair. É como eu tava explicando pro senhor inda hoje: que agora nós tâmo na glória [...]

**E:** Há quanto tempo o senhor está no Paraná?

**M:** Fui nascido no Paraná e me criei no Paraná, na divisão com o estado de São Paulo. Mas, depois da Libertação, nós não tinha nada. Porque não tinha nada mesmo. Andava que nem passarinho, voando.

Curitiba, Julho de 1982. O professor e historiador Mário José Maestri Filho coleta e registra em livro depoimentos inéditos de ex-escravizados brasileiros, entre eles, Mariano Pereira dos Santos, então internado, e já próximo ao seu centenário. O sr. Mariano, que viria a falecer logo após o depoimento, produz um ponto de ruptura na historiografia da escravidão negra no Brasil, haja vista que é o sujeito da escravidão falando *sobre* e *a partir* (d) o lugar de escravizado. Como bem afirma Maestri em seu livro, “as raras vezes em que escutamos a voz do homem escravizado, ela nos chega filtrada pelas instituições escravistas (documentos policiais, atos notariais etc).”

É preciso dizer que no depoimento do sujeito da escravidão não há controle do dizer, tampouco isenção ideológica, a designação “*libertação*”, por exemplo, denuncia o espaço fluido da contradição. Contudo, marca-se o fato de que o *nós escravizados* coloca-se e instaura-se ante o outro pelo qual usualmente sempre foi dito. Ao fazê-lo, denuncia a condição de expropriação da memória, expropriação das suas narrativas e o triste legado da condição desses sujeitos de sem data de nascimento, sem registro, sem batismo, sem era e *sem-arquivo*.

Essa designação, a de *sem-arquivos*, criada pela educadora Eliane Peres (2020), sintetiza e emblematiza os múltiplos traços que constituem a historicidade da condição negra no Brasil no enfrentamento social e racial. Aliados das condições pró-estabelecimento da cidadania no pós-abolição, esses sujeitos têm a desigualdade como ponto de partida na luta de classes.

“Nóis saímo pra qui, pra ali (...) era mesmo uma boiada no campo.” A destituição material é o fator determinante dessa desigualdade, mas não só. Junto a ela atua fortemente a destituição simbólica, que subtrai dos sujeitos as condições de ele colocar-se como cidadão. No limite, subtrai-lhe as condições de colocar-se como humano que é. A recorrência das estruturas comparativas faz ressoar fortemente esse sentido: “era mesmo uma boiada no campo.”/ “Até que (o cachorro) acha a caça e traz pro dono.”/ “Andava que nem passarinho.” É importante considerar que, se por um lado o sujeito que narra sua história não se coloca como humano que é, na linearização do seu discurso intervém, como fio organizador que estrutura a memória, a responsabilidade dessa destituição para o outro. Nos três enunciados, as orações que comportam a comparação não têm sujeito em 1ª. pessoa, pois este encontra-se elíptico, recuperável na oração anterior, ou o enunciado está construído em 3ª. pessoa, como em “ $\phi$  acha a caça e traz pro dono.”

Compreender o modo material de funcionamento e (re)organização da memória diz respeito, sobretudo, a colocar em causa as ausências constitutivas das narrativas sobre a questão negra. Diz respeito à entrada no arquivo a partir dos efeitos de sentidos produzidos por suas lacunas. Lembremos, aqui, de Pêcheux, para quem o arquivo é “[...] espaço polêmico de maneiras de ler, uma descrição do ‘trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele-mesmo, em uma série de conjunturas, trabalho da memória histórica em perpétuo confronto consigo mesma” (PÊCHEUX, 1994, p. 55).

É assim que mobilizamos a linearização de uma memória acerca da presença negra no Sul, tecida a partir de fragmentos, dos quais trazemos, agora, parte de um verbete da Enciclopédia Negra, organizada por Flávio dos Santos Gomes, Jaime Lauriano e Lilia Moritz Schwarcz (2021):

#### **DAMÁSIA – SÉC XIX CASTRO, PARANÁ**

[...] deve ter nascido em 1830, possivelmente filha de africanos que foram trazidos por tropeiros, passando por Sorocaba. Em 1850, Damásia era cativa de Inácia Maria. Com apenas 20 anos, era mãe do “pequeno João”. Ela resolveu fugir com o filho e para isso estabeleceu estratégias. Escolheu a noite do dia 12 de abril de 1850. Na manhã seguinte, Damásia já seria perseguida por capitães-do-mato. Acabou capturada dias depois [...].

Damásia sabia que a fuga tinha várias etapas. A primeira era evitar a imediata captura, permanecendo escondida em algum lugar. Depois era preciso procurar ajuda; podia ser empregada numa fazenda ou vila, talvez se passando por alguém livre. Caminhando pelas matas da região aconteceu, porém, uma tragédia. Seu filho João acabou sendo picado por uma cobra peçonhenta. Em desespero, Damásia “com o coração doendo lançou o corpo do menino João já sem vida no rio Iapó e se dirigiu rumo à cidade.” [...] (GOMES *et al.*, 2021, p.145).

ESTEVES (2017) afirma que “listas de palavras, dicionários e enciclopédias já foram conhecidos como tesouros – do latim *thesaurus* –, depósitos do conhecimento em que era possível acumular informações valiosas: no sentido linguístico, histórico, científico, artístico” (p. 162). E salienta que embora tesouro não seja a designação corriqueira das enciclopédias, elas são também assim referidas, funcionando no imaginário social como fontes de conhecimento. Esse autor nos mostra, no desenvolvimento de sua pesquisa, como tal imaginário conforma as enciclopédias como produção que se projeta como completa e suficiente:

As enciclopédias ocupam o lugar de fornecer os sentidos para que esse sujeito pragmático possa satisfazer as necessidades da vida cotidiana, possa saber aquilo que deve saber. Consultam-se, nas enciclopédias, verbetes relativos a tudo aquilo que se deseja saber. A enciclopédia se produz na ilusão de apresentar todas as respostas a tudo aquilo que o sujeito deseja conhecer. A falta desses saberes que circulam nas enciclopédias provoca a

ilusão de arriscar a felicidade do sujeito, ainda de acordo com o que propõe Pêcheux<sup>2</sup> (ESTEVEES, 2017, p.48).

O arquivo de Gomes, Lauriano e Schwarcz, na forma de enciclopédia, produz uma fissura/ruptura nesse imaginário de completude, primeiramente, porque põe em cena personagens negros, historicamente silenciados. Mas essencialmente também porque o faz de modo diferenciado. Não se trata de meros registros biográficos ou de dados com pretensão de feição objetiva, mas micro-narrativas que enfrentam as lacunas e ausências sem objetivo de equacioná-las. A fluidez dos registros nas datações e nomes não tampona imprecisões, antes, confere visibilidade à natureza de sem-registros e sem-arquivos dos sujeitos à escravidão: “**deve ter nascido** em 1830”; “era mãe do **pequeno João.**”

O imaginário de completude joga, pois, com a falta constitutiva na conformação da narratividade que fixa nomes, fatos e datas. Os fios que tentam costurar/suturar os espaços não preenchidos atestam a inescapabilidade da contradição na ordem da memória nacional, por isso mesmo tornando possível que ela se reconfigure.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mariano conseguiu deixar seu depoimento, fragmento que compõe o mosaico das narratividades negras hoje e autoriza fazer ressoar o aspecto mais brutal da desigualdade no jogo de forças, a destituição do traço humano: “O senhor fecha (lança) os cachorros no rastro de uma caça”. Enunciar/denunciar essa assimetria é fazer suturar as cicatrizes históricas, primeiro e essencialmente, pela possibilidade de narrar; depois, e também, por possibilitar que outras versões venham à tona, as dos sujeitos negros/as, tecendo narratividades que até então não emergiam nos fios legitimados.

A história de Damásia, de algum modo, foi colhida, registrada. A narrativa é em 3ª. pessoa: “*Com o coração doendo*, Damásia lança o corpo do menino ao rio”, contudo, a humanidade de Damásia ganha corpo no efeito de narratividade, que inscreve a ordem do dizer na historicidade negra, põe em tela sua versão e demarca o nó-atamento entre a ordem da língua e a ordem da história-memória ressignificada.

Marianos e Damásias rompem séculos de silenciamento e fazem ressoar sentidos que jazem no limbo das coisas-a-saber. Não sem riscos, não sem enfrentamentos, não sem deparar-se com a lógica do absurdo da negação do escravismo brasileiro, passado ou contemporâneo, em pleno século XXI.

## REFERÊNCIAS

ESTEVEES, Phellipe Marcel da Silva. **Discurso sobre alimentação nas enciclopédias do Brasil: Império e Primeira República**. Niterói: Eduff, 2017.

MAESTRI Filho, Mário José. **Depoimentos de escravos brasileiros**. São Paulo: Ícone, 1988.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. *In: ORLANDI, Eni P. et al. (org). Gestos de leitura: da história no discurso*. Tradução: Bethânia S. C. Mariani et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. p.55-66.

GOMES, Flávio dos Santos et al. **Enciclopédia Negra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

---

<sup>2</sup> PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, SP: Pontes, 1997.

PERES, Eliane. A aprendizagem da leitura e da escrita entre negras e negros e escravizados no Brasil: as várias histórias dos 'sem-arquivos'. **Cadernos de História da Educação**, Uberlândia, v. 19, n. 1, p. 149-166, jan/abr 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/52701>.

RASIA, Gesualda dos Santos. Intolerância e resistência: a memória como tecido suturado. **Primavera de Pesquisas no Sul: discurso e resistência**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PmAoeWpOJ24&t=2s>.

ROBIN, Régine. **A memória saturada**. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2016.